

# ENSINO & PESQUISA

ISSN 2359-4381

## Práticas em Educação Bilíngue: da sua concepção à execução

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.1.8706>

Hugo Augusto Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Com a crescente no número de escolas autodenominadas bilíngues, faz-se necessário refletir qual é a concepção de bilíngue adotada. Seria o bilíngue aquele que faz uso de duas línguas com alto nível de proficiência? Ou, de repente, um falante que conhece algumas palavras em um idioma além da sua língua materna? Afinal, é partindo dessa visão que todo o trabalho pedagógico se desenvolverá. Este trabalho se compromete a apresentar concepções de bilinguismo; bem como desenvolver quanto a teorias de aquisição de línguas; e trabalhar a importância do planejamento educacional trazendo metodologias e métodos de avaliação em contextos bilíngues. O estudo foi desenvolvido com base em pesquisas e referências bibliográficas no campo do bilinguismo, da educação e do processo de ensino, aprendizagem e aquisição de línguas; assim como nos estudos do próprio autor durante a sua formação em Letras - Inglês e sua especialização em Práticas em Educação Bilíngue. Os resultados levantados na elaboração dessa pesquisa objetivam auxiliar o profissional da educação na implementação do ensino bilíngue em suas salas de aula.

**Palavras-chave:** Bilinguismo, Educação, Práticas Bilíngue.

## Practices in Bilingual Education: from its conception to execution

**Abstract:** With the growing number of schools self-styled bilingual, it is necessary to reflect on what the conception of bilingual adopted is. Is a bilingual one who makes use of two languages with a high level of proficiency? Or, perhaps, a speaker who knows some words in a language besides their own? After all, it is from this vision that all the pedagogical work will be developed. This work aims to present bilingual conceptions; as well as to develop language acquisition theories; and to work on the importance of educational planning bringing methodologies and methods of evaluation in bilingual contexts. The work was developed based on research and bibliographical references in the fields of bilingualism, education, and the teaching, learning, and language acquisition process; as well as in the studies of the author during his undergraduate in Letras - Inglês and his specialization in Bilingual Education Practices. The results brought up in the elaboration of this research aim to help the education professional in the implementation of bilingual teaching in their classrooms.

**Key-words:** Bilingualism, Education, Bilingual Practices.

## Introdução

O número de escolas autodenominadas bilíngues, sejam assim chamadas por seus programas ou currículos bilíngues, tem aumentado significativamente no Brasil. Especialmente em instituições de ensino privadas, a crescente é impulsionada pelas novas necessidades do século XXI. Hoje, mais do que nunca, há o intercâmbio internacional não

<sup>1</sup> Graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Graduação em andamento em Pedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV). Especialista em Práticas em Educação Bilíngue pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (Faveni). Especialização em andamento em Autismo pela Faculdade Pólis Civitas. Especialização em andamento em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orcid: 0009-0002-5490-5924. E-mail: hugo.au@hotmail.com

somente de mercadorias e pessoas, mas, também, de produção artística, de entretenimento e de comunicação pessoal. Logo, os pais e cuidadores dos alunos buscam instituições que os capacitem para sua formação, tanto pessoal quanto, futuramente, profissional. Essas escolas podem oferecer o ensino em português juntamente com uma língua adicional ou segunda língua para o aluno, sendo ela a língua brasileira de sinais, alguma das línguas originárias em determinada comunidade indígena, a língua espanhola, a língua inglesa, entre outras. Oferecendo uma segunda língua, o que diferencia essas instituições é a concepção de como se trabalha a língua adicional em questão. Nos programas denominados bilíngues, estende-se a carga horária para que os alunos tenham maior número de aulas da língua adicional a ser estudada; entretanto, os demais componentes curriculares são trabalhados na língua materna. Em uma escola bilíngue, as disciplinas são ministradas na língua alvo. Nesse caso, em uma instituição bilíngue que contemple o inglês para falantes nativos de português, como é o caso do Brasil, os alunos e professores trabalham a matemática, por exemplo, fazendo uso da L2.

Independentemente da seleção de um modelo diante do outro, ambos são acompanhados pelo termo bilíngue. Em uma busca simples no dicionário, como no Dicio (Dicionário Online de Português), uma das definições apresentadas para bilíngue é aquele ou o qual tem comunicação em duas línguas. Leigamente, especialmente entre falantes monolíngues, há crenças de que um indivíduo bilíngue seria aquele que se comunica em duas línguas com alto nível de proficiência; provavelmente, sem alguma espécie de sotaque; ou que faça traduções de uma língua a outra com facilidade. Entretanto, sabemos que essas concepções são inexatas uma vez que: um, o nível de proficiência em uma língua deve variar entre as suas diferentes habilidades. Por vez, se uma criança de seis anos que faz uso da sua língua materna oralmente, especialmente para se comunicar com seus pares e com adultos, pode ser considerada falante de sua L1 - mesmo que ainda não proficiente, um aprendiz de uma língua adicional também não o poderia ser? Afinal, em ambas as situações, mesmo sem o domínio da escrita, faz-se o uso da língua para seu uso mais natural: a comunicação.

Dois, a concepção de fala sem sotaque se encontra fortemente ligada a uma visão excludente a qual preza que a forma correta é a do falante nativo. Além disso, de onde seria esse falante nativo? Como exemplo, no caso do inglês, poderíamos estar tratando de norte-americanos, canadenses, ingleses, sul-africanos, australianos e falantes de diversas outras nacionalidades que têm a língua como sua L1. Especialmente com o status do inglês como língua franca, espera-se, de acordo com Graddol (2006, apud SALLÉS e

GIMENEZ, 2010, p. 30), que a inteligibilidade seja o propulsor da comunicação ao invés de se valorizar que comuniquem-se “como um nativo”. Por fim, como resposta ao terceiro questionamento: o processo de tradução envolve mais do que apenas passar os signos de um idioma a outro. Questões políticas, culturais, sociais e pessoais estão ligadas à produção de significados no uso de uma língua. A tradução coerente e mais próxima à precisão se dará não somente por questões linguísticas, mas conectando e também conhecendo duas culturas e o contexto da produção do discurso a ser traduzido.

Apesar da atual facilidade em se encontrar um significado para bilíngue em dicionários, historicamente, na literatura, a concepção de um falante que faz uso de duas línguas foi amplamente debatida e evoluída com o passar dos anos e dos estudos. Vitor (2016) apresenta que, durante as décadas de 50 e 60, os pesquisadores se preocupavam em medir o bilinguismo em termos quantitativos, classificando os falantes de duas línguas de acordo com a sua produção, buscando uma medida. Eles poderiam ser categorizados entre: bilíngue ideal, bilíngue completo e bilíngue equilibrado. Nota-se, nessa perspectiva, grande proximidade a abordagens mais tradicionais que buscam aumentar a quantidade de vocabulários no repertório do falante ao invés de priorizar a comunicação ou o sentido em si. Hoje, através de perspectivas interacionistas, alguns autores, como Edwards (2006, apud SANTOS e FROSSARD, 2018, p. 113), arriscam-se a dizer que o falante, conhecendo uma palavra em uma língua diferente da sua materna, já poderia ser considerado um falante bilíngue.

Assim como podemos concluir, definir o termo bilíngue por si só é uma tarefa complexa. A partir da visão do conceito de bilinguismo, é possível começar a entender qual será a concepção de educando que se espera formar. Nesse processo, faz-se importante, assim como conceituar o ensino, encarar o planejamento das atividades e das avaliações para que se conduzam de acordo com o currículo da escola e com o falante que se busca produzir. Afinal, como nos apresenta Rossi (2022), a formação dos profissionais da educação não é neutra, mas comprehende conflitos e contradições da sociedade em que se é formado. Essas, por sua vez, influenciam as relações e atitudes que se desenvolvem na sala de aula. No caso do bilinguismo de transição, como é comum nos Estados Unidos, por exemplo, os estudantes têm contato com a língua materna apenas até atingir a língua alvo. O idioma materno é visto, então, como um problema a ser contornado (FREEMAN, 1998, apud FÁVARO, 2009, p. 48).

Com isso, para tratar essas questões, este trabalho tem como objetivo apresentar algumas das concepções de bilinguismo para que se possa conhecer, julgar e definir qual

seria a visão do aluno a se formar. Além disso, serão apresentadas as maneiras de trabalhar, mediar e avaliar, com sugestões e recomendações, um currículo que conte cole duas línguas, de forma aditiva, dando o devido valor a ambos os idiomas do educando para que seja um processo de aquisição não somente de questões linguísticas, mas também culturais. Com essas questões em concordância, podemos ter, então, uma educação bilíngue toda delineada.

Este trabalho se encontra dividido em seções que tratam, respectivamente, da: concepções de falantes bilíngues e sua influência no ensino e na aprendizagem da língua adicional; como o trabalho com o bilinguismo se dá a partir da identificação dessa visão do falante; o processo de aquisição de línguas no sociointeracionismo e em Vygotsky; o planejamento do trabalho docente em salas de aula bilíngue; modelos de instrução bilíngue; e como se dá a avaliação da aprendizagem. Por fim, a conclusão e as referências são apresentadas.

## Desenvolvimento

### *A concepção de bilíngue e sua influência no ensino e aprendizado da língua adicional*

O trabalho docente dentro de uma sala de aula bilíngue se dará de acordo com as ideologias tanto do profissional da educação quanto das políticas educacionais vigentes. Elas, por sua vez, acabam por influenciar diretamente, do macro para o micro, a produção de documentos educacionais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) entre outros. Com isso, são herdadas no Projeto Político Pedagógico de cada escola e chegam, então, ao plano de ensino e ao plano de aula dos professores. Se as tendências pedagógicas apontam para uma perspectiva mais fechada quanto ao multiculturalismo e ao multilinguismo, pode esperar-se que visões mais subtrativas de bilinguismo as acompanharão. Isso pode se desdobrar, também, quando a L2 é mais valorizada do que a língua materna, como ainda é o caso da relação entre Libras e português aqui no Brasil. Infelizmente, em ambientes não preparados ou receptivos à pluralidade linguística, valoriza-se a língua alvo em detrimento da L1.

Por outro lado, se a concepção de aquisição de línguas for mais suscetível à essa diversidade em que vivemos, passar-se-á a encontrar salas de aulas bilíngues aditivas. Comparando-a com a subtrativa, vê-se que é a adição de mais uma forma de se expressar linguisticamente e mais uma cultura a se conhecer por parte do aprendiz. Nesses ambientes de aprendizagem, os professores devem promover a construção do

conhecimento na relação desses idiomas conhecidos, nas suas diferenças e similaridades. Valoriza-se o conhecimento prévio do aluno (sua L1) e leva-o, através da mediação, à aquisição do conhecimento esperado (a L2).

Vitor (2016) resumindo as questões das concepções de bilinguismo de Hamers e Blanc (2000), elabora a seguinte tabela:

<b>Quadro 1 - Resumo das dimensões psicológicas de bilingualidade para Hamers e Blanc</b>		
<b>Dimensões</b>	<b>Tipo de bilingualidade</b>	<b>Definição</b>
1. Competência Relativa	a) Bilingualidade Equilibrada	L1=L2
	b) Bilingualidade Dominante	L1>L2 ou L1<L2
2. Organização Cognitiva	a) Bilingualidade Composta	1 representação para duas traduções
	b) Bilingualidade Coordenada	2 representações para 2 traduções
3. Idade de Aquisição	a) Bilingualidade Infantil	L2 adquirida antes dos 10/11 anos
	i) simultânea	L1 e L2 adquiridas ao mesmo tempo
	ii) consecutiva	L2 adquirida posteriormente a L1
	b) Bilingualidade Adolescente	L2 adquirida entre 11 e 17 anos
	c) Bilingualidade Adulta	L2 adquirida após os 17 anos
4. Presença de comunidade falante de L2 no ambiente	a) Bilingualidade Endógena	Presença de comunidade falante de L2
	b) Bilingualidade Exógena	Ausência de comunidade falante de L2
5. Status das línguas	a) Bilingualidade Aditiva	L1 e L2 valorizadas socialmente – não há perda ou prejuízo da L1
	b) Bilingualidade Subtrativa	L2 valorizada às custas da L1 – há perda ou prejuízo da L1
6. Identidade Cultural	Bilingualidade Bicultural	Identificação positiva com os dois grupos

	Bilingualidade Monocultural	Identidade cultural referente à L1 ou à L2
	Bilingualidade Acultural	Identidade cultural referente apenas à L2
	Bilingualidade Descultural	Sem identidade cultural
HAMERS e BLANC, 2000: 26, apud VITOR, 2016, p. 28-29		

É notável, ao analisar essa tabela, que são das mais diversas dimensões os tipos de bilingualidade. Reconhecer qual é a realidade do educando e onde se espera chegar através da educação bilíngue, em meio a todas essas concepções apresentadas, é de grandiosa importância para a prática docente; bem como para a mediação que será realizada pelo profissional da educação, suas avaliações e seus critérios e, também, incentivos aos alunos.

#### *O trabalho com o bilinguismo emergente de específica identificação do falante*

Tendo em mente questões como: a idade de aquisição, a presença ou não de comunidade falante da L2 no ambiente de aprendizado, o *status* da língua e a identidade cultural, o trabalho pedagógico será norteado para qual direção seguir. É importante ressaltar que essas dimensões podem, também, combinar-se entre si. Por exemplo, um aluno pode estar tornando-se um bilíngue na adolescência e, ao seu redor, haver falantes da língua alvo. Isso constituirá uma bilingualidade adolescente e endógena. Assim, o profissional da educação tem o privilégio de diversos recursos em suas mãos para fomentar o aprendizado, como: maior exposição dos alunos à língua em uso; referências para além da sala de aula; aplicabilidade do que se está sendo estudado; um leque de recursos a serem explorados na sala de aula e no aprendizado; e, provavelmente, o aprendiz terá mais tempo e situações de contato e prática do idioma. No caso do bilinguismo exógeno, entretanto, não tendo falantes da língua adicional na comunidade, o professor se tornará, além de mediador, modelo aos alunos de um falante daquele idioma a ser explorado.

Em um outro caso, o educando pode estar recebendo o ensino bilíngue ainda na infância e de forma acultural, ou seja, valoriza-se apenas a cultura da L2, excluindo suas raízes com a L1. O professor deverá dedicar-se a expor seus alunos a situações culturais

relativas à língua alvo. Isso diminui a pluralidade de culturas que deverão ser contempladas durante o ensino e, além disso, desconsidera o conhecimento de mundo que o indivíduo já tem: aquele atrelado à sua língua e cultura materna. Afunilando ainda mais, imaginando que a comunidade seja constituída por falantes que façam uso da L1, como, novamente, no caso da bilingualidade exógena, isso pode interferir na comunicação desse educando em L1 uma vez que perderá parte do contato cultural que se teria enquanto adquirindo as duas línguas. Afinal, a língua e cultura, em Furtado et al. (2006), são passadas de sociedade para a sociedade tendo a cultura como suporte à língua.

Com esses casos postos, entre muitos outros que se fazem possíveis nessa grande comunidade que se constitui o bilinguismo, o profissional poderá mediar adequadamente o ensino e aprendizagem dos educandos e motivá-los frente às expectativas para com a L2 sendo estudada. Combinado a isso, deve-se considerar as concepções pedagógicas de ensino e de ensino de línguas adotados pelo professor, pela instituição educacional e pelas políticas educacionais vigentes.

#### *O processo de aquisição de línguas no sociointeracionismo e em Vygotsky*

Atualmente, as tendências pedagógicas vêm quebrando com o tradicionalismo presente na educação, seja na concepção de educação em si ou na visão de aquisição de línguas. Se for feita uma retomada de como o ensino e aprendizado de línguas adicionais se iniciou no Brasil, evoca-se o ensino do português aos povos originários como forma de colonização e dominação. Consequentemente, isso se dava de forma autoritária. Quando formalizada, a educação seguia modelos tradicionais populares à época. Ensina, memoriza e repete-se o léxico necessário para entender-se as ordens dadas. Extermina-se, então, o uso natural e mais precioso das línguas: expressar e comunicar ideias, ensinamentos, crenças e histórias; nomear vegetações, animais, fenômenos naturais e sentimentos que são particulares e locais. Vindo de fora, o idioma do colonizador passa a tentar caber dentro dessa realidade que não condiz, buscando explicar, com suas palavras, a nossa realidade.

Hoje, felizmente, a visão de ensino e o trabalho com línguas tem caminhado para práticas que valorizam o aluno como sujeito íntegro, com suas experiências, conhecimento de mundo, crenças, valores, limitações e particularidades e buscando o seu agir, sua participaçãoativa e crítica no processo de aprendizado. Em uma escola em que a Libras é a L1 dos alunos e pretende-se ensinar o português, ambas as línguas e suas culturas devem ser respeitadas. O bilinguismo adicional, nessa visão, vem para acrescentar respeitando o

espaço que ganha na vida do aprendiz; diferentemente do que acontecia no começo relatado da história brasileira.

Entretanto, para chegar a esse momento atual, uma longa trajetória foi trilhada por estudiosos da educação e do processo de aprendizagem. Lev Vygotsky, psicólogo e pensador bielorusso, é um dos nomes que, mesmo após décadas, continua a contribuir com a educação atual através dos seus estudos e descobertas. Vygotsky apresentou que o desenvolvimento e a aprendizagem humana estão ligados à vida em sociedade que se leva (RABELLO e PASSOS, 2018, p. 4). Para o teórico, o indivíduo conta com a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que se constitui do seu desenvolvimento potencial e do desenvolvimento real. Esse diz respeito à situação atual em que o sujeito se encontra; já aquele comprehende até onde o sujeito tem o potencial de alcançar através da interação com um par mais desenvolvido - ou seja, um par que já tenha a sua zona de desenvolvimento real mais avançada.

Trazendo essa teoria para a sala de aula, e focalizando no ensino e aprendizado de línguas, o professor será o mediador desse processo de desenvolvimento do aprendiz. Cabe a ele planejar como serão essas interações: quais são as finalidades e como chegar lá, ou seja, quais serão os pares, em qual momento eles estarão juntos, por quanto tempo isso se dará e, por fim, como medir a aprendizagem e como dar o retorno ao aluno do seu progresso ou de correções a serem acertadas. A interação com o par mais desenvolvido na sala de aula bilíngue pode se dar pela interação entre: professor e aluno; aluno e professor; aluno e aluno; aluno e alunos; alunos e aluno; aluno e a lousa; aluno e o material didático (livro didático, recursos digitais, Plataforma Inglês Paraná, entre outros); aluno e o ambiente; aluno e a atividade escrita. Esses exemplos de interação comprehendem momentos de desenvolvimento tanto inter quanto intrapessoal. O profissional da educação, na posição de mediador, fará a devida gestão da sua sala de aula. Esse gerenciamento tem início ainda no seu planejamento.

### *O planejamento do trabalho docente em salas de aula bilíngues*

Assim como é bem dito em “Alice no País das Maravilhas” (CARROLL, 1865), se não sabemos para onde vamos, qualquer caminho serve; ou, ainda, não chegamos a lugar algum. O planejamento, esse norte da educação, faz a diferença para atingir os objetivos de aprendizagem. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 2005, assegura, no inc. V, art. 67, que os profissionais da educação tenham o tempo de preparação e planejamento das suas aulas incluídos na sua carga horária. Como notável, além da sua

importância, é lei que se planeje o processo que uma aula terá. Schmitz (2000) já afirmava, há duas décadas, que o planejamento é a garantia do sucesso. O professor deve lembrar-se dos teóricos e estudiosos da mente que colaboraram com a educação. Retomando Vygotsky, durante o processo de aprendizado, deve-se partir do conhecimento prévio - zona real e atual do aprendiz, para o estado potencial, ou seja, possível de ser alcançado. Bem como na taxonomia de Bloom, onde há degraus a serem subidos para se alcançar o novo conhecimento. Em concordância com os autores, há passos a serem seguidos para se atingir o aprendizado. E o professor é esse mediador que, com o seu conhecimento e formação, planeja o caminho a ser seguido em busca do desenvolvimento dos seus alunos e, consequentemente, de toda uma sociedade.

O plano de aula é estimulado não somente pelas experiências ou linhas de estudo do profissional da educação, mas, também, pelos documentos curriculares locais, municipais, estaduais e nacionais. Nele, encontram-se subscritos os passos tomados durante um dia letivo: os objetivos gerais e específicos; os procedimentos e atividades - ou seja, os passos para se alcançar determinado objetivo; as interações com o par mais desenvolvido; os recursos; as avaliações para repensar-se as escolhas da aplicação e correções para as futuras práticas; e, por fim, as referências teóricas. Engana-se, e torna-se imprudente, o profissional que acredita que o plano de aula é apenas uma burocracia. Sem ele, muito mais provável é o descontrole, a desmotivação, a falta de propósito, a improvisação e a repetição. Vale ressaltar que, mesmo criando e fazendo uso desse documento, deve-se ser flexível para possíveis imprevistos ou incidentes pedagógicos - aqueles no qual se surge uma oportunidade pedagógica de ser trabalhada e desenvolvida.

Tratando dos documentos norteadores da educação, recentemente, em 2017, surgiu a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse recente documento, segundo Costa (2022), não surge para reprimir os anteriores, mas para incrementar o ensino e aprendizagem. Segundo o autor, as legislações educacionais servem como guia e parâmetro para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Faz-se importante lembrar que a formação dos professores não é livre de ideologias, bem como o desenvolvimento dos planos educacionais. Será necessário buscar o entendimento de qual é o tipo de bilingualidade referida nos documentos norteadores para que, tomando consciência e reconhecendo-o, o profissional da educação, munido dos planos escolares locais, regionais e nacionais, realize o seu planejamento de acordo e, posteriormente, aplique-o em sua sala de aula bilíngue.

### *Como trabalhar o bilinguismo: modelos de instrução bilíngue*

Com isso posto, sabendo da complexidade em se adotar uma concepção para bilinguismo e o que vem a ser um indivíduo bilíngue, não poderia ser diferente mediante às situações a serem enfrentadas no contexto dessas escolas. Como então montar um plano de aula e trabalhar o bilinguismo? O primeiro passo do professor é conhecer a fundo a classificação do ensino bilíngue de sua instituição. De acordo com Megale (2005) apud Fishman e Lovas (1970) essa concepção é formada com base na frequência e exposição que esse falante tem ao idioma, a intencionalidade do ensino e o seu *status* na comunidade. Para a autora, alguns desses modelos são:

- 1) Bilinguismo transicional: em escolas de bilinguismo transicional, a L1 é utilizada apenas para auxiliar o processo até a aquisição da L2.
- 2) Bilinguismo monoletrado: a língua materna e a adicional são utilizadas em todas as atividades, mas o aprendiz é alfabetizado apenas na segunda.
- 3) Bilinguismo parcial biletrado: mesmo fazendo o uso das duas línguas na forma escrita e oral, a L1 é utilizada apenas para componentes culturais como história, artes e folclore.
- 4) Bilinguismo total biletrado: tanto a L1 quanto a L2 são utilizadas em sua totalidade no currículo escolar, desenvolvendo todas as habilidades do aluno na sua bilingualidade.

Em concordância com as atuais concepções de ensino e aprendizagem que consideram o sujeito como centro do processo, desenvolvendo-o como cidadão crítico e que age ativamente na sua formação, diversas abordagens estão à disposição dos professores e alunos para evitar o tradicionalismo e a repetição. Durante o período letivo, pode-se intercalar, mesclar e até mesmo combinar atividades que colaborem com o desenvolvimento dos alunos. A tecnologia, por exemplo, no contexto de uma instituição bilíngue, serve de grande apoio ao professor. As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) podem ser utilizadas de forma passiva pelos alunos, quando o professor traz vídeos, documentários e séries para serem assistidos, ou músicas, entrevistas e podcasts para se escutar e desenvolver habilidades e competências na língua alvo. É possível que esse uso se dê, também, de forma ativa com a aplicação de jogos para trabalhar a competência gramatical; o desenvolvimento de um podcast por parte dos alunos na língua alvo para combinar competências com a comunicativa; entre outros, há atualmente a possibilidade de utilizar-se a Plataforma Inglês Paraná. Através dela, os alunos podem fazer o nivelamento e desenvolver as atividades e estudos, tendo um retorno

imediato da inteligência artificial do sistema. Enquanto isso, seus professores podem acompanhá-los ou, também, trazer os próprios exercícios para a sala de aula. De uma forma ou de outra, faz-se importante ter a participação ativa e crítica dos alunos em todas as atividades.

As metodologias ativas na educação têm ganhado espaço nas atuais tendências pedagógicas. Elas interessam tanto os professores quanto os alunos, possibilitando que os educando construam o conhecimento e não somente o recebam. Essa participação ativa (aplicar a teoria à prática, resolver problemas e buscar soluções em grupos e individualmente usando a criatividade) é essencial para a vida social e para o mundo do trabalho e dos estudos. É, fundamentalmente, propulsora do interesse e da curiosidade, levando à iniciativa de buscar pela resposta através da pesquisa, da leitura, da conversa e da troca com seus pares ao invés da tradicional memorização de teorias longe da realidade do aluno. Para isso, há alguns caminhos válidos de serem conhecidos e considerados pelos professores para a mediação em salas de aulas bilíngues. Algumas delas são:

- 1) Abordagem baseada em tarefas: o professor engaja os alunos, prepara-os e eles devem resolver alguma tarefa potencializadora de, por si, desenvolver conhecimento no aprendiz. O professor é apenas o mediador. A tarefa pode se dar de diversas formas e abordar todas as competências, dependendo apenas do planejamento e gerenciamento do professor. Como resultado, se bem executada, traz um sentimento de conquista ao aluno em alcançar algo novo com o que foi aprendido.
- 2) Abordagem baseada em problemas: esse modelo, utilizado em cursos da área da saúde, pode ser aplicado à educação básica também. No caso desses cursos, como o de Fisioterapia, os alunos são apresentados a um caso clínico e devem buscar, estudar e definir um tratamento, uma solução para o problema. No ensino e aprendizado de línguas adicionais, o professor pode preparar uma situação em que haja falta de entendimento ou comunicação e pedir aos alunos para que busquem uma maneira de resolver o problema. Isso pode se dar em relação à língua ou a elementos culturais em choque. O fundamental é que o professor faça uma apresentação que engaje seus alunos e leve-os aos primeiros questionamentos, fornecendo auxílio e recursos para a resolução e sucesso da atividade.
- 3) Abordagem baseada em projetos: similar à anterior, a abordagem baseada em projetos se diferencia no produto final: o aluno, ao final do processo, deverá

apresentar os resultados do seu projeto. Pode-se organizar seminários; preparar maquetes, vídeos ou relatórios, entre outros. É fundamental, para a realização do projeto, que haja planejamento do professor quanto às etapas metodológicas.

- 4) Sala de aula invertida: são várias as possibilidades de trabalhar essa abordagem. Na sala de aula invertida, quebra-se com a referência do professor como detentor de todo o conhecimento e da educação bancária. O profissional da educação pode entregar aos alunos recursos, ou solicitar que busquem por eles, para prepará-los previamente para a aula. Então, as oportunidades se abrem. Os alunos podem, após seus estudos, apresentar para os outros grupos; realizar rodas de conversas para compartilhamento do que foi entendido e de dúvidas; aprofundar seus conhecimentos básicos adquiridos no pré-estudo. A gênese dessa abordagem é gerar a participação ativa dos alunos e levá-los a questionar e buscar respostas.

Os profissionais da educação podem, e devem, explorar essas e muitas outras abordagens dentro da sua área de conhecimento. No caso das instituições bilíngues, isso se dará em mais de um idioma. Com essa diversidade de metodologias, tipos de ensino bilíngue e abordagens, é possível ter resultados significativos entre todos os perfis de aprendizes.

### *A avaliação da aprendizagem*

Após todo esse caminho pedagógico trilhado, chega-se a hora de avaliar o processo e os resultados, tanto do professor quanto do aluno. Enganam-se os leigos que questionam: “mas você só dá aula?”, como se o trabalho do educador fosse apenas entrar em sala e ministrar o encontro. Relembra-se o processo que é tomado pela comunidade escolar até o momento da avaliação do ensino: reconhecimento da concepção ideológica do falante bilíngue e suas necessidades; análise de documentos norteadores da educação; planejamento do currículo, do projeto político pedagógico e do plano de aula considerando a realidade dos seus alunos e suas limitações; seleção de materiais didáticos; e gerenciamento da sala de aula fazendo uso de diferentes metodologias e abordagens. Para, então, avaliar o desenvolvimento dos alunos. E essa avaliação sendo “para a aprendizagem” e não “da aprendizagem”. Apesar de similares, partindo dessa concepção de utilizar os métodos avaliativos para acompanhar o desenvolvimento, corrigir as discordâncias e reconhecer as faltas e os avanços, a burocracia se torna mais significativa

e proposital para todos os envolvidos: educador e educando. O desenvolvimento de um período letivo deve ser avaliado com diferentes instrumentos e durante todo o processo através da avaliação diagnóstica, da avaliação formativa e da avaliação somativa.

Para que sejam úteis, faz-se necessário que estejam de acordo, primeiramente, com a visão que se tem do falante bilíngue. No caso da língua inglesa como língua adicional, se ela é considerada como língua franca no currículo escolar, não é adequado que se avalie a perfeição gramatical ou fonética, mas a precisão na comunicação, a colaboração e o esforço na construção do sentido. Assim, as atividades avaliativas aplicadas pelo professor devem refletir essa característica. O mesmo pode ocorrer em uma instituição bilíngue do português para alunos cuja L1 é a Libras. Avaliar-se-á apenas o que pode ser útil ao aluno. Se o ensino foi trabalho como bilinguismo adicional, do que vale solicitar ao aluno que traduza frases idealizadas pelo professor e que não são significativas para a comunicação do aluno? É essencial que haja tarefas que os alunos estejam familiarizados com a realização para que, assim, diminua-se o filtro afetivo e eles possam mostrar o que foi desenvolvido e aprendido. De outra forma, o nervosismo, a ansiedade e o estresse advindos do desconhecimento de como estão sendo avaliados podem interferir na sua atuação e nos seus resultados.

Tratando do desenlace das atividades avaliativas, se o professor guarda os resultados consigo ou apenas atribui e entrega uma nota ao aluno, tornam-se avaliações para o professor apenas. Visando o acompanhamento pedagógico para a educação, o profissional da educação deve oferecer uma devolutiva aos educandos tratando do que pode ser melhorado e como fazê-lo, bem como salientar o que está sendo feito de forma correta e como avançar ainda mais. Isso deve ser oferecido como um *feedback* sanduíche, um retorno ao aluno que se constitui em uma camada de pontos positivos, outra com o que deve ser corrigido, e, por fim, outra demão de reconhecimento ou disposição para o auxílio.

## **Considerações finais**

Como foi possível concluir através do trabalho, pensar uma educação bilíngue atualmente atrela concepções e aplicações, teoria e prática. O planejamento docente e o agir do professor devem conversar com o educando que se pretende formar, amparado pelos documentos educacionais e por suas necessidades. O ensino e aprendizado de duas línguas tem se tornado uma realidade cada vez maior e cada vez mais cedo na vida do aprendiz. Tem, também, alcançado mais pessoas e realidades ao redor do mundo, sendo

até mesmo curricularizado nas escolas. Nesse processo de educação formal, nas instituições de ensino, os profissionais da educação têm uma variedade de maneiras de abordar a língua e mediar o processo de aprendizagem dos seus alunos para que conversem com as atuais concepções de um ensino crítico e ativo por parte do aluno.

Este trabalho estende o conhecimento ao que tange às práticas em educação bilíngue, da sua concepção à execução. Como foi notado, a visão que se tem do indivíduo e as suas características particulares, tais como a idade em que se deu início o processo de aquisição de novo idioma e a comunidade em que se encontra, influenciam no trabalho pedagógico. Juntamente a isso, o trabalho estende quanto a teorias de aquisição de línguas e trabalha a importância do planejamento educacional trazendo metodologias e métodos de avaliação em contextos bilíngues. O estudo foi desenvolvido com base em pesquisas e referências bibliográficas no campo do bilinguismo, da educação e do processo de ensino, aprendizagem e aquisição de línguas; assim como nos estudos do próprio autor durante a sua formação em Letras - Inglês e sua especialização em Práticas em Educação Bilíngue. Os resultados levantados na elaboração dessa pesquisa objetivam auxiliar o profissional da educação na implementação do ensino bilíngue em suas salas de aula.

## **Referências**

COSTA, H. A. **The development of English oral skills in a public-school context: a case study**. In: Contemporates: revista mensal de difusão cultural. ISSN: 2177-4404. 2023. Disponível em: <https://revistacontemporates.com/2023/04/14/the-development-of-english-oral-skills-in-a-public-school-context-a-case-study/>. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

FÁVARO, F. M. **A educação infantil bilíngüe (português/inglês) na cidade de São Paulo e a formação dos profissionais da área: um estudo de caso em 05 escolas da cidade**. São Paulo: 173 pp, 2009. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/14055/1/Fernanda%20Meirelles%20Favaro.pdf>. Acesso em: 09 de jun. de 2023.

FURTADO, C. M. N. M. et al. **Língua-Sociedade-Cultura: uma relação indissociável**. OPORTUNIDADES E TENDÊNCIAS, p. 92, 2006.

MEGALE, A. H. **Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em <http://www.josesilveira.com/>. Acesso em: 12 de jun. de 2023.

ROSSI, A. C. S. **Ideologia e formação de professores**. In: Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207. 2022. p. 103-119.

SALLES, M. R.; GIMENEZ, T. **Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão**. BELT JOURNAL, Porto Alegre. V.1, n.1, p. 26-33. Janeiro/julho 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/belt/article/view/7267/5233>. Acesso em: 11 de jun. de 2023.

SANTOS, L. C. dos.; FROSSARD, E. C. M. **A capacidade multilíngue e seu perfil multicultural na promoção da cidadania global**. Cadernos de aulas do LEA. N.7, dezembro de 2018, p. 110-131. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/calea/article/view/2150/1629>. Acesso em: 11 de jun. de 2023.

FEDERAL, Senado. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 2005.

VITOR, A. D. M. A. et al. **Educação bilíngue: uma cartografia e as particularidades de um caso brasileiro**. 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3833>. Acesso em: 07 de jun. de 2023.

**Submissão:** 28/01/2024. **Aprovação:** 23/09/2024. **Publicação:** 25/04/2025.